

Liberdade/Libertação: Um movimento físico do cérebro

A proposta deste texto é debater com o grupo de estudo do Instituto de Filosofia da Libertação de Curitiba a liberdade humana frente aos determinismos de quem nasce dentro de um processo econômico-social que delimitam as ações do humano, enquanto organismo sujeito às reações físico-químicas e vivência em grupo organizado.

Primeiramente queremos romper com o dualismo cartesiano que propõe uma dicotomia entre mente e cérebro. Adotaremos uma posição na qual, essa dicotomia inexistente. Para nós, mente/pensamento e cérebro se confundem em uma complexidade da combinação *eletrônica* da matéria, como escreve Luís J. Archer (1983, p. 63) que “[...] os seres vivos são constituídos por moléculas não vivas”¹.

A partir dessa afirmativa, o ser humano passa a ser um complexo de reações físico-químicas, cujo comportamento se altera em funções dessas reações. Partes dessas reações químicas já vêm inscritas geneticamente. Geneticamente não é a mesma coisa que idéias inatas cartesianas. Porém, algumas reações podem ser alteradas e/ou afetadas em função da *alimentação* de cada ser. Aqui, chamamos de *alimentação*, não só os alimentos e bebidas, mas também estamos considerando como *alimentos*, as condições econômicas e sociais de cada ser, visto que o externo exerce alguma influência sobre o interno.

O cérebro é o órgão encarregado de produzir reações químicas que geram pensamentos, fantasias mentais e lógicas matemáticas. Assim como o coração que possui a função de bombear o sangue, o fígado a de segregar a bÍlis, o cérebro possui a função de gerar pensamentos, segundo certas reações físico-químicas. Atkins (1985, p. 21) defende que

[...] enquanto as moléculas do organismo puderem responder às influências de seu meio circundante, o organismo pode observar. As conseqüências das observações são percepções e invenções da mente, que por sua vez são manifestações de deslocamentos de átomos e de modulações da estrutura molecular no interior do cérebro.²

E que

[...] as decisões são, em nível mais profundo, ajustamentos da disposição dos átomos nas moléculas no seio de um grande número de células no cérebro. As razões profundas para estas transformações são as mesmas em todos os processos. [...] As decisões são tomadas na base de uma predisposição do cérebro.(ATKINS, 1985, p. 43)³

¹ ARCHER, Luís J. Pensar a Ciência, Lisboa, 1988.

² ATKINS, P.W. A Criação. Lisboa, 1985.

³ Ibidem

Sustentados por esse raciocínio, defendemos que mente e pensamento são idênticos, sendo este, o produto do cérebro. Como afirma João Fernandes Teixeira (1996, p. 4) que a ontologia da mente

[...] só poderia incluir entidades validadas pela Neurofisiologia ou por outras ciências empíricas. Isto significa dizer não apenas que eventos mentais ocorrem paralelamente a eventos cerebrais ou que os primeiros são causados pelos últimos; [...] eventos mentais são eventos cerebrais.⁴

Concordamos que, eventos mentais são eventos cerebrais. Ou seja, pensamentos são movimentos cerebrais oriundos de reações químicas. Se assim não o fossem, quando introduzimos alguma “*substância*” em nosso corpo, por exemplo, o álcool, ideologias, religiões, etc. deveríamos continuar pensando como pensávamos antes de tomarmos contato com a referida substância. No entanto, nossos pensamentos se alteram. Logo, o pensamento pode ser afetado e/ou alterado por reações químicas internas provocadas pelo o meio externo.

Pensamos que o ambiente influencia relativamente o homem. Acreditamos que a somatória de ambos (genético e externo) é o que modela determinados pensamentos e atitudes. Inferimos isso porque entendemos que dois homens podem nascer com potencial genético semelhante, porém, dado às circunstâncias que os cercam, por uma questão de sobrevivência, por exemplo, um pode tornar-se mais agressivo que o outro.

Em função do exposto, entendemos que, possivelmente, o cérebro seja a sede da “alma” do homem. Alma, aqui tomada como idêntica à mente, conseqüentemente, idêntico ao pensamento. E, se, efetivamente for sede da alma, esta não deverá existir sem aquele. Dentro desse pensamento a alma torna-se idêntica ao cérebro, não havendo distinção entre corpo (ou cérebro) e a alma, mas apenas a redução do homem às leis da matéria. A mente, como dissemos anteriormente, seria um efeito complexo das leis que governam as partículas físicas que compõe o cérebro. Sendo assim, o desaparecimento de um pressupõe o desaparecimento do outro. Atkins (1985, p. 41) expõe assim o problema:

Acho espantoso que ainda hoje existam pessoas que consideram que a riqueza da propriedade do cérebro, propriedades como a capacidade de percepção, da memória, da ação, de decisão e de invenção, não pode ter surgido por si próprias. [...] O que há de maravilhoso não estará, em minha opinião, na benevolência e na sutileza de uma intervenção exterior, dado que isso conduz à intrusão desnecessária de um ser sobrenatural e à invenção de uma alma. [...] A

⁴ TEIXEIRA, J.F. Filosofia da Mente e Inteligência Artificial, Campinas, SP, 1996.

única alma imortal que o homem tem é a impressão persistente que ele causa nas outras mentes humanas.⁵

Dentro dessas premissas como podemos *pensar* a liberdade/libertação do homem?

Primeiro não podemos confundir o geneticamente herdado com o socialmente possibilitado ao homem. A biologia, por si só, não sela o destino de alguém. Visto que, nenhum homem nasce com genes definidos para ser excluído ou sem-terra. Mas, o excluído ou sem-terra pode nascer com genes definidos para ser cardíaco, canceroso, suicida, homossexual, alcoólatra, bandido⁶ ou com mongolismo. Assim como, ninguém nasce com genes para ser com-terra, rico, senhor, príncipe ou rei. Mas, o com-terra, rico, senhor, príncipe ou rei pode nascer com genes definidos para ser cardíaco, canceroso, suicida, homossexual, alcoólatra, bandido ou com mongolismo.

Assim, entendemos que as tendências humanas tais como: suicídio, banditismo, agressividade, homossexualismo, misticismo, religiosidade ou, até mesmo, as tendências políticas (esquerda/centro/direita) são geneticamente inscritas. Bem como, os vícios e as virtudes humanas. Em outras palavras, não estão no adquirido, não são determinadas apenas pelo externo, elas nascem com o indivíduo. Metaforicamente seria como o hardware e software, no qual aquele seria o a priori genético e este o a posteriori adquirido. Sendo que o software, muitas vezes, não é compatível com o hardware, podendo então, causar tensões sociais. Pois, pensamos que o homem não nasce uma *tabula rasa* como afirmou John Locke.

Nessa linha de raciocínio, o papel da sociedade é o de abafar as tendências inconvenientes e amplificar as tendências convenientes para ela. Para exemplificar citaremos a latência dos capitalistas na ex-URSS e dos socialistas dos EUA. Pois, se a tendência de acumulação individual fosse adquirida, deveríamos admitir que naquela não existiriam pessoas com tendências capitalistas e neste, socialista algum. Poderíamos também citar o homossexualismo, o qual, não fosse genético, dado a repressão social (Igreja, Estado, escola e família) por séculos, teríamos de admitir o seu desaparecimento enquanto comportamento sexual. Mas, ele existe e persiste e continuará persistindo enquanto existir a humanidade.

Queremos fazer ainda uma distinção entre determinismo e fatalismo. Pois, nenhum indivíduo está fadado, a priori, a exercer uma determinada função na sociedade. O homem tem uma relativa liberdade de ação dentro dos espaços determinados pela

⁵ ATKINS, P..W. A Criação. Lisboa, 1985.

⁶ Bandido aqui é a pessoa com grau de agressividade tão elevado que é incapaz de respeitar qualquer lei social.

organização social. Essa organização é histórica, assim como é histórico o caminho de cada indivíduo. Porém, ele não tem liberdade sobre o geneticamente herdado. Também não a tem além do socialmente dado, a não ser que rompa com o dado e remodele/reforme ou crie uma nova organização social. Portanto, a liberdade/libertação do homem é relativa. Ela é dada pelos determinismos sociais. Sociais, aqui entendido como as culturas das comunidades, modos de organizar as sociedades, sistemas religiosos adotados, etc.

Embora Sartre⁷ tenha recuado na questão da liberdade absoluta e tenha afirmado que “sou obrigado a querer ao mesmo tempo a minha liberdade e a dos outros; não posso tomar minha liberdade como fim se não tomar como fim a liberdade dos outros”. Porém, antes, Sartre havia invertido a noção de liberdade ao afirmar que “o homem está condenado a ser livre” e nós a reolocamos com os pés no chão, afirmando que o homem está condenado a pensar que é livre. Mas, só pensar. Para afirmarmos isso, não nos sustentamos somente no exposto, mas também na gênese humana. Pois, o homem não escolhe o espaço e o tempo para nascer. E, sequer, seu nome escolhe.

Para concluir, a liberdade humana é a coisa mais contraditória que existe. Visto que quanto mais livre eu for, mais dependente da sociedade eu sou!

Antonio Carlos⁸
Curitiba, Jan/98

⁷ SARTRE. O existencialismo é humanismo; A imaginação; Questão do método (Os pensadores). 3. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

⁸ Mestrando em Ciência Cognitiva e Filosofia da Mente na Unesp de Marília, SP.